



Construções conclusivas com *por isso*: do português arcaico ao português atual

Conclusive constructions with *por isso*: from archaic to current Portuguese

Mayra França FLORET*

RESUMO: A língua portuguesa é formada por diversas construções, entendidas como pareamentos forma – significado (GOLDBERG, 2006). Dentre as diversas relações estabelecidas na língua, a relação conclusiva é normalmente entendida como a ligação entre dois segmentos através de um elemento conector. Neste estudo, consideramos as construções representadas pelo esquema [Segmento 1 POR ISSO Segmento 2]. Analisamos a trajetória da construção em uma amostra composta por dezoito textos pertencentes a diferentes períodos: português arcaico, clássico e moderno/contemporâneo. Dessa forma, analisamos registros desde o século XIII até o XXI. Os dados coletados foram analisados estatisticamente com base em três propriedades ligadas ao sentido e três propriedades ligadas à forma. A análise dos resultados mostrou que a construção tende a estabelecer relações mais objetivas, com pouco ou nenhum envolvimento do falante. Além disso, foram encontrados indicativos de possíveis mudanças em andamento, especialmente no que diz respeito à posição do conector na oração e ao tipo de segmento conectado pela oração conclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: Construção conclusiva. Pesquisa diacrônica. Por isso.

ABSTRACT: Portuguese language comprises many constructions, which are seen as form – meaning pairings (GOLDBERG, 2006). Among the relations established in language, conclusive relations are normally understood as the connection between two segments through a connector. In this study, we consider the constructions represented by the scheme [Segment 1 POR ISSO Segment 2]. We analyze the trajectory of the construction in a sample composed by eighteen texts that belong to different stages: archaic, classical and modern/contemporary. This way we analyzed registers since XIII to XXI centuries. The data collected were statistically analyzed based on three properties in terms of meaning and three in terms of form. Results analysis showed that the construction tends to establish more objective relations, with little or no involvement of the speaker. Moreover, possible ongoing changes indications were found, especially concerning the position of the connector in the clause and the type of segment connected by the conclusive clause.

KEYWORDS: Conclusive construction. Diachronic research. Por isso.

Artigo recebido em: 08.05.2023

Artigo aprovado em: 16.06.2023

* Doutora em Linguística. Professora adjunta na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). mayra.floret@uerj.br

1 Introdução

A relação de conclusão pode ser estabelecida através de construções representadas pelo esquema [Segmento 1 CONECTOR Segmento 2], em que dois segmentos são ligados por um conector. O *slot* CONECTOR pode ser preenchido por diversas formas, entre elas *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* (FLORET, 2022). Neste estudo, focalizamos as construções preenchidas pelo conector *por isso*, resultando, assim, no esquema menos abstrato [Segmento 1 POR ISSO Segmento 2].

O uso dessa construção pode ser exemplificado através dos exemplos (1) e (2), coletados da amostra analisada.

(1) os outros dous que o capitam teue nas naaos a que deu o que Ja dito he . nunca aquy mais pareceram . de que tiro seer Jente bestial E de pouco saber E **por ysso** sam asy esqujuos . (Século XV – Carta de Caminha)

(2) Em os princípios de o ano de 1807 a residência efetiva de a Corte era em Mafra e Sua Alteza raras vezes vinha a Queluz e a Lisboa, sendo, **por isso**, meu tio chamado a ir amiudadas vezes a Mafra, como conselheiro de Estado, que era. (Século XIX – Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna)

No exemplo (1), acreditava-se que os índios eram “gente bestial e de pouco saber” e, por conta disso, seriam pessoas esquivas, arredias. No exemplo (2), o fato de a corte estar em Mafra leva o conselheiro de Estado a precisar viajar diversas vezes para esse local, já que a corte não se deslocava para Queluz ou Lisboa. Nesses dois exemplos, fica evidente a flexibilidade de posição do conector *por isso* em construções conclusivas. No primeiro exemplo, ele está em posição inicial precedido de *e*, e no segundo exemplo, em posição medial após o verbo.

A fim de verificar o desenvolvimento dessa construção ao longo do tempo, analisamos textos escritos desde o século XIII até o século XXI. Sendo assim, verificamos a trajetória da construção conclusiva com *por isso* em três períodos do português: período arcaico (século XIII até primeira metade do século XVI), período

clássico (segunda metade do século XVI até século XVIII) e período moderno/contemporâneo (século XIX até século XXI) (MATTOS E SILVA, 1994, 2007; CASTRO, 2013).

O estudo da trajetória da construção conclusiva com *por isso* tem como base o suporte teórico construcional, especialmente o conceito de construção como pareamento forma – significado (GOLDBERG, 2006). Isso significa dizer que tanto aspectos ligados à forma quanto aspectos ligados ao sentido são levados em consideração no estudo da construção. Dessa maneira, a língua é entendida como um inventário de construções, com diferentes níveis de esquematicidade, que estabelecem relações entre si em uma rede organizada (GOLDBERG, 1995, 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Ao longo do tempo, essa rede sofre mudanças; novas construções podem surgir, outras podem desaparecer e construções já existentes podem sofrer alterações.

A Gramática de construções diacrônica, ao focalizar a mudança construcional, se interessa pela forma como construções se tornam construções, pela forma como elas continuam sofrendo mudanças ao longo do tempo e pelas relações que se estabelecem entre as construções que surgem e as que já existiam antes (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; SMIRNOVA; SOMMERER, 2020; FLORET, 2022). Entretanto, como aponta Hilpert (2018), não se sabe até que ponto é possível fazer afirmações sobre a língua utilizada por gerações passadas com base apenas nos dados históricos analisados em pesquisas diacrônicas. Qualquer hipótese sobre a língua com base nesses dados pode ser apenas uma aproximação do uso da língua naqueles períodos.

Este estudo é parte do trabalho mais amplo desenvolvido em Floret (2022)¹. Seu objetivo central é verificar as mudanças sofridas pela construção [Segmento 1 POR ISSO Segmento 2] ao longo do tempo, tanto no âmbito da forma como no do sentido. Para isso, analisamos diversas propriedades ligadas a esses dois polos da construção, as quais serão detalhadas mais adiante.

¹ Tese de doutorado desenvolvida pela autora.

O artigo se organiza da seguinte forma: na seção 2, tratamos das características do conector *por isso* e de seu caráter adverbial – conjuncional. Em seguida, na seção 3, detalhamos a amostra utilizada e os procedimentos adotados na análise. Nas seções 4 e 5, detalhamos as propriedades analisadas e mostramos os resultados encontrados para cada uma delas. Na seção 6, fazemos um resumo dos resultados encontrados e traçamos a trajetória de mudança da construção com *por isso*, desde o período arcaico até o período moderno/contemporâneo. Por fim, na seção 7, apresentamos as considerações finais e o direcionamento futuro deste estudo.

2 Características do conector

Elementos conectivos como *por isso* são tradicionalmente classificados como conjunções coordenativas, cuja função é conectar segmentos independentes (cf., por exemplo, BARBOSA, 1881; ROCHA LIMA, 1956; CUNHA; CINTRA, 2008). Essas conjunções são agrupadas entre si com base no valor semântico, o que leva ao estabelecimento de cinco grupos, o das conjunções aditivas, adversativas, alternativas, explicativas e conclusivas. No grupo das conjunções conclusivas, estão diversos conectores, dentre eles o conector *por isso*.

Diversos estudos já mostraram que o caráter conjuncional de alguns elementos tradicionalmente classificados como conjunção coordenativa é discutível (cf. QUIRK *et al.*, 1985; MATOS, 2003; PERES; MASCARENHAS, 2006). O conector *por isso* não se comporta como conjunção tendo em vista os critérios propostos por Quirk *et al.* (*op. cit.*): o conector pode se movimentar dentro da oração conclusiva; pode coocorrer com outra conjunção coordenativa (*e*); não liga constituintes não oracionais; não conecta orações subordinadas; e é discutível quanto à ligação de mais de duas orações (cf. FLORET, 2022). O único critério que classificaria *por isso* como conjunção seria o de não mobilidade da oração introduzida por ele dentro do período. Apesar de o conector poder ocupar diferentes posições dentro da oração, a oração em que se insere não pode ser anteposta à oração com que se liga.

Por não se comportarem como conjunções coordenativas de acordo com os critérios propostos por Quirk *et al.* (*op. cit.*), Matos (2003) classifica esses elementos como *conectores* que fazem parte do grupo das “expressões adverbiais ou preposicionais que funcionam como adjuntos frásicos ou verbais com valor conclusivo” (p. 574). Já Bechara (2009) agrupa esses elementos na categoria das “unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas” (p. 270).

Diversos autores já mostraram que os conectores podem conectar segmentos maiores do que uma oração (cf. DIK, 1997; GUIMARÃES, 2001; DUCROT, 2009). De acordo com Guimarães (*op. cit.*), a conexão pode ocorrer até mesmo entre capítulos. Pezatti (2000) considera esses elementos como termos híbridos, que fazem parte de um *continuum* entre advérbio e conjunção, estando o conector *por isso* mais próximo da categoria de advérbio.

O conector *por isso*, assim como outros conectores conclusivos, surgiu na língua através de mudanças sofridas por sintagmas preposicionais com valor adverbial (OLIVEIRA, 2011). O conector foi formado a partir da junção da preposição *por* ao demonstrativo *isso*. Segundo Barreto (1999) e Oliveira (*op. cit.*), a construção funcionava como encadeador de narrativa e reforço adverbial já no século XIII. Em nossa amostra, também encontramos dados conclusivos com o conector desde o século XIII, conforme o exemplo (3).

(3) Os cambhyos ta~to son achegados aas uendas que adur se entende~ en cousas muytas e en muytos d(e) logares se e' a ue~da u se e' o cambho. E **por esto** fazemos entender qua~do e' ue~da ou q(ua)ndo e' ca~byo (Século XIII – Afonso X, Foro Real)

No exemplo (3), o autor diz que vendas e câmbios são muito parecidos, sendo possível a confusão entre essas duas atividades. Por isso, ele deixa claro quando se trata de venda e quando se trata de câmbio.

O exemplo (3) também evidencia a dificuldade de trabalhar com dados diacrônicos em razão da própria língua. Além disso, mostra que o conector pode ser

precedido de *e* desde o século XIII e que o demonstrativo *esto* e, em alguns casos, *esso*, eram as formas utilizadas nos séculos mais remotos.

Assim como Pezatti (2000), Barreto (1999) e Oliveira (2011) também encontram evidências de que o conector não é uma conjunção prototípica, reforçando seu caráter juntivo e adverbial. No período arcaico, *por isso* concorria com a forma *por ende*, que era muito comum no estabelecimento da relação de conclusão nos primeiros séculos do português. A partir do século XV, *por isso* ganha frequência, já que a forma *por ende* passa a ser utilizada com ideia de contraste (cf. OLIVEIRA, 2011).

De acordo com Oliveira (*op. cit.*), o conector *por isso* surge atrelado à relação causa – consequência, e não necessariamente de conclusão. De acordo com a autora, o conector é uma elipse de *por causa disso*. Sendo assim, fica evidente que os conectores conclusivos, em especial *por isso*, têm caráter multifuncional, podendo estabelecer relações mais objetivas, como as de causa e consequência, mas também relações mais subjetivas, como as de premissa e conclusão.

Antes de passarmos à descrição das propriedades analisadas e à análise dos resultados encontrados, detalhamos a amostra e os procedimentos metodológicos adotados neste estudo na seção 3, a seguir.

3 Metodologia

Por se tratar de um estudo da trajetória da construção conclusiva com *por isso* ao longo do tempo, os dados analisados foram encontrados em uma amostra composta por textos desde o século XIII até o século XXI, conforme mostra o quadro a seguir.

Quadro 1 – Amostra por período (arcaico, clássico e moderno/contemporâneo).

Texto	Século	Número de palavras
Afonso X, Foro Real	XIII	31.433 ²
Chancelaria D.Afonso III	XIII	17.629
Orto do esposo	XIV	31.090 ³
Livro de linhagens do Conde D.Pedro	XIV	16.936 ⁴
Carta de Caminha	XV	8.276
Crônica de D.Pedro de Meneses	XV	44.396 ⁵
Crônicas dos Reis de Bisnaga	XVI-1	21.696 ⁶
Crônica do Rei D.Afonso Henriques	XVI-1	26.750 ⁷
TOTAL	PERÍODO ARCAICO	198.206
Texto	Século	Número de palavras
Vida da sereníssima Princesa Dona Joana	XVI-2	36.114
Tratados da terra e gente do Brasil	XVI-2	27.074
Jornada dos vassalos da Coroa de Portugal	XVII	34.945
Gazeta da restauração	XVII	25.235
Gazetas manuscritas da Biblioteca de Évora	XVIII	52.078
Vida e morte de Madre Helena da Cruz	XVIII	26.320
TOTAL	PERÍODO CLÁSSICO	201.766

² Consideramos os dados encontrados até o capítulo 17 do texto.

³ Consideramos apenas os dados encontrados nos livros I, II e III.

⁴ Consideramos apenas a primeira metade do texto.

⁵ Consideramos apenas os dados encontrados até o capítulo 41.

⁶ Consideramos apenas os dados encontrados até o Título 20.

⁷ Consideramos apenas os dados encontrados até o capítulo 29.

Texto	Século	Número de palavras
Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna	XIX	54.588
Cartas de leitores de jornais da Bahia	XIX	30.113
Norte do Brasil	XX	44.279
Matérias de capa da revista Azul magazine	XXI	55.406
TOTAL	PERÍODO MODERNO	184.386

Fonte: Floret (2022, p. 62).

Para evitar possíveis discrepâncias nos resultados encontrados em razão de um desequilíbrio no número de dados por período, selecionamos os textos de maneira que cada período contasse com aproximadamente duzentas mil palavras. Em alguns casos, foi necessário fazer um recorte no texto. A partir da constituição da amostra, coletamos cada dado com a construção [Segmento 1 POR ISSO Segmento 2] e analisamos conforme algumas variáveis relacionadas à forma e ao sentido.

Com os dados já coletados e analisados, o tratamento estatístico foi feito no programa GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). O objetivo desta etapa foi verificar a distribuição da construção ao longo do tempo, bem como verificar sua trajetória com base nas diferentes propriedades analisadas, as quais serão detalhadas nas duas seções a seguir.

4 Aspectos relacionados ao sentido

O sentido geral de uma construção conclusiva pode ser entendido como a relação entre um fato ou uma premissa, e a conclusão possível decorrente dela. Nesse caso, a relação de conclusão envolve algum tipo de raciocínio inferencial. Entretanto, para além desse sentido mais básico, uma construção conclusiva também pode ser utilizada na expressão da relação de causa e consequência (cf. KURY, 1993; MATOS, 2003; FLORET, 2022). Nesse sentido, Marques e Pezatti (2015) indicam aproximação

entre os sentidos de conclusão e consequência. Diversos autores (PAIVA, 1996; AMORIM, 2017; OLIVEIRA, 2016, 2020) entendem a relação de causalidade como um conceito amplo que engloba relações de diferentes tipos, podendo a relação conclusiva ser entendida como parte desse conceito mais geral de causa.

Tendo em vista os diferentes contextos aos quais os mesmos conectores podem estar relacionados, Sweetser (1990) propõe que a relação causal se estabeleça em três domínios: referencial, epistêmico e interacional. Em cada situação de uso, a construção pode estar relacionada a diferentes sentidos.

No domínio referencial, relacionam-se estados de coisas verificáveis ou pelo menos possíveis no mundo real. Esse domínio é o mais objetivo entre os três, já que envolve pouco ou nenhum envolvimento por parte do falante. Por sua vez, o domínio epistêmico relaciona evidências que permitem a tomada de uma conclusão. Nesse caso, é necessário um raciocínio inferencial por parte do emissor, o que torna as relações nesse domínio mais subjetivas do que no domínio referencial. Por fim, o domínio interacional engloba os casos em que uma oração causal é utilizada como justificativa para um ato de fala desempenhado. Os exemplos (4), (5) e (6) ilustram cada uma dessas possibilidades.

(4) A preguiça que chamão do Brasil; he animal para ver, parece-se com cães felpudos, os perdigueiros; são muito feios, e o rosto parece de mulher mal loucada; têm as mãos e pés compridos, e grandes unhas, e crueis, andão com o peito pelo chão, e os filhos abraçados na barriga, por mais que lhe dêem, andão tão de vagar que hão mister muito tempo para subira huma arvore, e **por isso** são tomadas facilmente (Século XVI/2 - Tratados da terra e gente do Brasil).

(5) Tudo isto que deixo dito parece inverossímil , mas é exato . em a nossa época não aparecem de estas excentricidades e, **por isso**, custa a acreditar em as que se contam de os velhos tempos (Século XIX – Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna).

(6) A Fazenda São Jerônimo oferece um circuito de duas horas em que o turista, além de montar o animal em terra, pode fazê-lo na água. De quebra,

ainda anda pela mata, desce um igarapé de canoa, caminha por uma praia deserta e percorre uma passarela sobre um belo manguezal. É um panorama bem completo da ilha – **por isso**, se tiver pouco tempo, escolha este passeio. (Século XXI – Matérias da Revista Azul Magazine).

No exemplo (4), o fato de as preguiças andarem devagar faz com que elas sejam capturadas com facilidade. Nesse caso, a relação entre os dois fatos é verificável no mundo real, e, por isso, classifica-se como uma relação no domínio referencial. Já no exemplo (5), a crença de que não há excentricidades em tempos presentes leva o autor a não acreditar na ocorrência de uma determinada situação estranha no passado. Assim, fica evidente a tomada de conclusão por parte do autor, o que inclui esse dado no grupo das relações de domínio epistêmico. Por fim, no dado (6), o autor aconselha o leitor a escolher um passeio com base na descrição apresentada. Dados como esse são classificados como relações no domínio interacional.

Com base na proposta de Sweetser (*op. cit.*), analisamos os dados conclusivos conectados por *por isso* tendo em vista os domínios da causalidade. Os resultados encontrados para os períodos arcaico, clássico e moderno/contemporâneo estão organizados na tabela 1⁸.

Tabela 1 – Domínio da causalidade.

	Referencial	Epistêmico	Interacional	TOTAL
Arcaico	9 = 47,4%	8 = 42,1%	2 = 10,5%	19
Clássico	21 = 87,5%	3 = 12,5%	0	24
Moderno/contemporâneo	61 = 66,3%	25 = 27,2%	6 = 6,5%	92

Fonte: elaborada pela autora.

O primeiro aspecto a se ressaltar a partir da tabela 1 é o aumento da frequência das construções conclusivas com *por isso* ao longo do tempo. Como já dito anteriormente, em estágios anteriores a forma competia com *por ende*, o que pode

⁸ As tabelas e gráficos deste artigo têm como base os dados encontrados em Floret (2022).

explicar a baixa frequência. Entretanto, quando a forma anterior mais frequente passa a assumir outros sentidos, a construção com *por isso* se torna altamente frequente.

No que diz respeito ao domínio da causalidade, desde o período arcaico a construção com *por isso* está mais relacionada ao estabelecimento de relações objetivas no domínio referencial (47,4%), como a de causa e consequência. No entanto, também é frequente no estabelecimento de relações subjetivas no domínio epistêmico, como é o caso da relação entre premissa/argumento e conclusão (42,2%). Ao longo do tempo, essa construção se torna cada vez mais atrelada ao sentido de causa e consequência, ainda que também estabeleça a relação de conclusão propriamente dita. No período clássico, há um pico de frequência para o domínio referencial (87,5%). Entretanto, no período seguinte, essa alta frequência não se mantém (66,3%). Dados no domínio interacional são raros no período arcaico (10,5%) e moderno/contemporâneo (6,5%), e não foram encontrados no período clássico.

Outra propriedade relacionada ao sentido é a possibilidade de modalização da oração com *por isso*. De acordo com Neves (1996), as línguas possuem diversas possibilidades de tornar evidente o posicionamento do falante. Uma sentença modalizada é mais subjetiva do que uma sentença não modalizada, já que, na primeira, fica clara a avaliação do falante sobre os estados de coisas relacionados.

Consideramos três possibilidades de modalização na oração conclusiva com *por isso*: verbo, advérbio ou oração. Os exemplos (7), (8) e (9) ilustram essas três possibilidades, respectivamente.

(7) *venho por* | este meio declarar solemnemente que, desde que mi- | nha cunhada a *Excelentíssima Senhora Dona Maria Augusta Ferrão* | d'Argollo não quiz continuar em companhia de sua ||15 virtuosa irmã, hoje minha esposa, em nossa casa no | engenho *São José*, na villa de *São Francisco*, e convi- | dando ao *Senhor* commendador Manuel José de Almeida | Couto, seu padrinho, para leval- a a sua casa no enge- | nho *Cajaiba*, alli se installou, **julguei-me, por isto**, dis- | pensado de intervir, desde que a mesma senhora é | maior por lei, e ai qualquer passo que julgue dever | dar. (Século XIX - Cartas de leitores de jornais da Bahia).

(8) Do fogo nasceu Fernando de Noronha. Fruto da intensa erupção de um vulcão há muito adormecido, o arquipélago pernambucano é como um respiro da enorme cratera de 47km de diâmetro quase totalmente submersa no Oceano Atlântico. **Talvez por isso** sua ilha principal – são 21, no total –, com poucos 16 quilômetros quadrados de área, concentre tamanha energia (Século XXI – Matérias da Revista Azul Magazine).

(9) Aymda que este reyno jaa meu por dyreyto, eu ho na~o quero, porque eu matey meu pay, e fiz nisso ho que na~o devya, e fiquey em pecado mortall, e **por ysso na~o he bem** que hu~u ta~o maaõ filho herde o reyno, tome o meu irma~o, e governe o, pois na~o çujou as maos no ssamgue de seu pay (Século XVI-1 – Crônicas dos Reis de Bisnaga).

Os resultados encontrados referentes a essa variável estão na tabela 2.

Tabela 2 – Modalização.

	Sem modalização	Verbo	Advérbio	Oração	TOTAL
Arcaico	17 = 89,4%	1 = 5,3%	0	1 = 5,3%	19
Clássico	23 = 95,8%	1 = 4,2%	0	0	24
Moderno/contemporâneo	84 = 91,3%	4 = 4,3%	3 = 3,3%	1 = 1,1%	92

Fonte: elaborada pela autora.

Como fica evidente na tabela 2, a construção com *por isso* está relacionada a usos menos subjetivos, ou seja, sem modalização. A frequência de modalização é muito baixa, desde o período arcaico até o período mais atual. Com base nos resultados relativos ao domínio da causalidade e à modalização, podemos dizer que a construção com *por isso* tende a não evidenciar o posicionamento ou a avaliação do falante. Isso fica evidente na alta frequência de construções não modalizadas, e na maior frequência da construção estabelecendo relação no domínio referencial.

A última propriedade analisada no âmbito do sentido é a sequência discursiva em que a construção conclusiva com *por isso* aparece. De acordo com diversos autores

(cf. PAREDES SILVA, 1997; ADAM, 2008; VIEIRA, 2016), as sequências fazem parte dos gêneros textuais. Podemos encontrar diferentes tipos de sequências discursivas em um mesmo texto de um gênero textual específico. Evidentemente, os gêneros textuais favorecem o aparecimento de determinadas sequências tendo em vista suas características e seus objetivos.

De acordo com Adam (2008), sequências discursivas são unidades relativamente autônomas, pois possuem organização interna própria que não é determinada pelo gênero textual. O autor, retomado por Vieira (2016), estabelece cinco tipos de sequências: narrativas, argumentativas, expositivas, descritivas e dialógicas.

A sequência narrativa tem como principal função sequenciar acontecimentos no texto, sejam eles reais ou imaginários. Essas sequências tendem a ser compostas por verbos no passado, já que contam histórias que, em geral, já aconteceram, como mostra o exemplo (10)

(10) Em o dia em que o alfaiate nos veio provar o fato, eram poucos os espelhos de Bemfica para nos admirarmos. Minhas tias eram as elegantes de a época : chegadas de Londres, tipo de a elegância de o tempo, e tendo minha tia Frederica assistido ali a as grandes festas dadas a os soberanos aliados , decidiam, **por isso**, de a toilette de as senhoras e davam o tom a as elegantes de a sociedade (Século XIX – Memórias do Marquês da Fronteira e d’Alorna).

No exemplo (10), são narradas situações vividas por personagens, no mundo real e no passado. O trecho tem por objetivo contar uma parte da história desenvolvida ao longo do texto.

Na sequência argumentativa, como o próprio nome sugere, o autor mostra seu posicionamento argumentativo com base em algum fato ou evidência. Nesse tipo de sequência, fica mais claro o posicionamento do falante, o que leva a uma maior probabilidade de uso de elementos modalizadores. O exemplo (11) ilustra essa possibilidade.

(11) O proprietário do hotel talvez nunca tenha sido hospede de bons estabelecimentos e **por isso** pensa erradamente que o seu hotel é uma casa de primeira ordem. (Século XX – Norte do Brasil)

No exemplo (11), um proprietário de hotel acredita que seu estabelecimento seja bom. Por conta disso, o autor infere que ele nunca tenha ficado em hotéis realmente bons, pois, se tivesse, saberia que seu hotel não é de boa qualidade. O caráter subjetivo do exemplo é reforçado pelo uso do modalizador *talvez*.

Diferentemente da sequência argumentativa, a expositiva tem como função principal a exposição de proposições relacionadas de forma lógica, sem a interferência do falante. Nesse caso, podem aparecer dados concretos, estatísticas, e outras evidências do mundo real.

(12) quero que saibaes que neste dia começa~o o anno, e dia d anno bom, e **por ysto** fazem tall festa, e da~o estas dadivas (Século XVI-1 – Crônicas dos Reis de Bisnaga).

No exemplo (12), o fato de se iniciar o ano leva à realização de uma festa. Os dois eventos são relacionados de forma lógica, sem a expressão do posicionamento pessoal do autor.

A sequência descritiva é aquela em que se descreve uma situação, um personagem, um local, um objeto, entre outros. Esse tipo de sequência costuma servir de pano de fundo para outros acontecimentos mais importantes no texto.

(13) Estes passaros são do tamanho de Pegas, mais brancos que vermelhos, têm côr graciosa de hum branco espargido de vermelho, o bico he comprido, e parece huma colher; para tomar o peixe tem este artificio: bate com o pé na agua, e tendo o pescoço estendido espera o peixe e o toma, e **por isso** dizem os Indios que tem saber humano (Século XVI//2 – Tratados de gente e terra do Brasil).

No exemplo (13), fica claro que o principal objetivo do trecho em questão é apresentar a descrição física de um pássaro, bem como sua forma de caçar peixes.

Por fim, a sequência dialógica apresenta alternância de turnos de fala. Dependendo do texto, é pouco provável que esse tipo de sequência apareça. No caso dos textos que compõem nossa amostra, esse tipo de sequência é muito raro. Um dos poucos dados encontrados é o (14).

(14) - Es tu - disse Gil L(ourem)ço - da companha que foram ao Vall do Laramjo?

- Sy, som, - disse elle - & se lhe allgu~ bem aves de faz(er) na~o temdes que tardar, caa elles sa~o allem da Torre Vermelha & tem ally o porto aos mouros, os quais, se passassem, seria neçessario que os nossos pereçesse~ todos, caa sa~o tantos que ha' çimq(uoem)ta pera hu~, & **por isso** vou assy trigoso chamar o comde, q(ue) lhes acorra (Século XV – Crônica de D.Pedro de Meneses).

Como fica claro, o exemplo (14) apresenta alternância de turnos de fala. Em outras palavras, trata-se de um diálogo entre dois personagens do texto.

Todos os dados coletados foram analisados de acordo com a porção do texto em que ocorrem, e assim pudemos verificar se a construção conclusiva com *por isso* está relacionada mais frequentemente a um tipo de sequência discursiva específico. Os resultados encontrados estão organizados na tabela 3.

Tabela 3 – Sequência discursiva.

	Narrativa	Descritiva	Argumentativa	Expositiva	Dialógica	TOTAL
Arcaico	4 = 21%	0	6 = 31,6%	8 = 42,1%	1 = 5,3%	19
Clássico	7 = 29,2%	6 = 25%	3 = 12,5%	8 = 33,3%	0	24
Moderno	45 = 48,9%	6 = 6,5%	18 = 19,6%	21 = 22,8%	2 = 2,2%	92

Fonte: elaborada pela autora.

Os resultados da tabela 3 mostram que a construção conclusiva com *por isso* pode aparecer em diferentes tipos de sequências discursivas. Entretanto, é necessário ressaltar que, nos períodos arcaico (42,1%) e clássico (33,3%), essa construção era mais

frequentemente utilizada em trechos expositivos, em que há pouco ou nenhum envolvimento do falante. Isso reforça o caráter objetivo da construção, já evidenciado nas duas propriedades anteriores.

Já no período moderno, a construção se torna mais frequente em sequências narrativas (48,9%), ainda que continue ocorrendo em sequências expositivas (22,8%). A tabela 3 também deixa claro que a construção aparece com frequência em sequências argumentativas nos três períodos de tempo, o que reforça o que fora encontrado nos resultados referentes ao domínio da causalidade. Ainda que a construção seja mais frequente em contextos objetivos, ela também ocorre em contextos subjetivos.

A tabela também permite verificar o uso da construção com *por isso* em sequências narrativas desde o período arcaico (21%). Esse uso aumenta no período clássico (29,2%) e atinge a mais alta frequência no período moderno/contemporâneo (48,9%). Portanto, ao longo do tempo, a construção passa a ser mais utilizada em trechos narrativos. Paralelamente a esse aumento nas sequências narrativas, verificamos diminuição no uso em sequências expositivas.

A análise das três propriedades relacionadas ao sentido da construção conclusiva com *por isso* já nos permitiram traçar parte da trajetória dessa construção ao longo do tempo. Entretanto, considerando o conceito de construção como pareamento forma – significado (GOLDBERG, 2006), não poderíamos deixar de analisar, também, alguns aspectos ligados à parte estrutural.

5 Aspectos relacionados à forma

Como já colocado anteriormente, a relação de conclusão é normalmente tratada como articulação por coordenação, sendo o termo conector considerado uma conjunção coordenativa. Assim, no esquema [Segmento 1 POR ISSO Segmento 2], a parte [POR ISSO Segmento 2] seria chamada de *oração coordenada conclusiva*. Bechara (2009), por exemplo, não considera as orações conclusivas como coordenadas, já que o elemento conector não é uma conjunção, mas um elemento com valor adverbial.

Tendo em vista os aspectos ligados à parte formal da construção, analisamos três propriedades: sujeito da oração conclusiva, posição do conector na oração e tipo de segmento conectado à oração. Nos parágrafos seguintes, mostramos como a construção se comportou tendo em vista cada um desses aspectos.

Em relação ao sujeito da oração conclusiva, buscamos verificar se a construção analisada tem correlação com um tipo específico de sujeito. Consideramos a possibilidade de o sujeito ser de primeira, segunda ou terceira pessoa, do singular e do plural, além de poder ser uma oração ou um sujeito indeterminado. Na tabela 4 estão os resultados encontrados.

Tabela 4 – Sujeito da oração conclusiva.

	1SG	2SG	3SG	1PL	2PL	3PL	Oração	Indeterminado	TOTAL ⁹
Arcaico	1 = 5,5%	3 = 16,7%	5 = 27,9%	2 = 11,1%	1 = 5,5%	3 = 16,7%	2 = 11,1%	1 = 5,5%	18
Clássico	0	0	9 = 45%	0	1 = 5%	8 = 40%	1 = 5%	1 = 5%	20
Moderno	8 = 8,8%	4 = 4,4%	39 = 42,8%	8 = 8,8%	0	19 = 20,9%	11 = 12%	2 = 2,2%	91

Fonte: elaborada pela autora.

A tabela 4 mostra que a construção conclusiva com *por isso* ocorre mais frequentemente com sujeitos de terceira pessoa, principalmente do singular, como exemplifica o dado (15).

(15) As suas opiniões eram essencialmente liberais e não as ocultava, apesar de o perigo que então havia em as manifestar, e **por isso** foi mais tarde acusado de afrancesado ou jacobino, que era como apelidavam os partidários de França. (Século XIX – Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna)

⁹ A diferença nos números totais de dados em relação às tabelas anteriores se justifica pela exclusão dos dados com orações sem sujeito.

No período arcaico, foram encontrados dados com todas as possibilidades de sujeito, mas o mais frequente é o de terceira pessoa do singular (27,9%), seguido de segunda pessoa do singular e terceira pessoa do plural, ambos com 16,7% dos dados. No período clássico, diferentemente do que ocorre no período anterior, há menor variabilidade nas possibilidades de sujeito. Os dados se concentram na terceira pessoa do singular (45%) e do plural (40%). Por fim, no período moderno/contemporâneo, a variabilidade nas possibilidades de sujeito se assemelha à do período arcaico, mas não foram encontrados dados com segunda pessoa do plural. Aqui, como nos demais casos, o sujeito mais frequente é o de terceira pessoa do singular (42,8%), seguido do sujeito de terceira pessoa do plural (20,9%), com menos da metade dos dados da opção mais frequente.

Os dados relativos ao sujeito da oração conclusiva evidenciam uma forte correlação entre a oração com *por isso* e os sujeitos de terceira pessoa, com ênfase na terceira pessoa do singular. Ao longo do tempo, verifica-se aumento na frequência de sujeitos de terceira pessoa do singular, o que indica aumento da restrição em relação ao SN sujeito.

Essa correlação pode, ainda, reafirmar o caráter objetivo da construção com *por isso*. Construções com sujeitos de primeira pessoa tendem a refletir maior envolvimento do falante, enquanto construções com sujeitos de terceira pessoa tendem a ser mais neutras, servindo até mesmo na expressão de verdades universais e conhecimento de mundo.

Outra propriedade importante na estrutura da construção é a posição do conector dentro da oração. No caso da construção com *por isso*, há flexibilidade de posição do conector, que pode aparecer em diferentes posições. Consideramos as seguintes possibilidades: posição inicial absoluta, posição inicial precedida de *e*, posição medial pré-verbal, posição medial pós-verbal, posição medial entre verbos e posição final. Os resultados encontrados estão na tabela 5.

Tabela 5 – Posição do conector.

	Inicial	Inicial precedida de e	Medial pré-verbal	Medial pós-verbal	Medial entre verbos	Final	TOTAL
Arcaico	4 = 21%	14 = 73,7%	1 = 5,3%	0	0	0	19
Clássico	8 = 33,3%	14 = 58,3%	1 = 4,2%	1 = 4,2%	0	0	24
Moderno	29 = 31,5%	47 = 51,1%	5 = 5,4%	11 = 12%	0	0	92

Fonte: elaborada pela autora.

A tabela 5 evidencia que a posição mais frequente do conector *por isso* dentro da oração conclusiva é a posição inicial precedida da conjunção *e*, como no exemplo (15), acima.

Desde o período arcaico, essa posição é muito mais frequente do que as demais possibilidades (73,7%). Nos demais períodos, a posição vai perdendo frequência, mas continua sendo consideravelmente mais frequente do que as demais, tanto no período clássico (58,3%) quanto no moderno/contemporâneo (51,1%).

Essa diminuição na frequência da posição inicial precedida de *e* indica que o conector vai se tornando mais móvel dentro da oração com o passar do tempo, ainda que mantenha sua correlação com essa posição. A posição inicial absoluta, que seria a posição esperada para uma conjunção coordenativa, é a segunda opção mais frequente nos três períodos. Isso indica que o conector tende a aparecer mais próximo da margem esquerda da oração. Por sua vez, as posições mediais ganham frequência no estágio mais atual, o que indica que o conector pode estar em processo de afastamento da margem esquerda.

Como mostramos anteriormente, o conector *por isso* não se comporta como conjunção tendo em vista os testes sintáticos propostos por Quirk *et al.* (1985). Os resultados da tabela 5 confirmam que o conector tem mobilidade dentro da oração, e que pode ser precedido por outra conjunção, que é a possibilidade mais frequente.

Portanto, se confirma o que fora dito por Pezatti (2000): no *continuum* entre advérbio e conjunção, o conector *por isso* ainda está atrelado à categoria de advérbio.

Por fim, a última variável estrutural analisada é o tipo de segmento conectado à oração conclusiva com *por isso*. Consideramos a possibilidade de se conectar a apenas uma oração, a um período ou a segmentos com vários períodos. A tabela 6 mostra o comportamento da construção quanto a essa variável.

Tabela 6 – Tipo de segmento.

	Oração	Período	Vários períodos	TOTAL
Arcaico	4 = 21,1%	8 = 42,1%	7 = 36,8%	19
Clássico	4 = 16,7%	11 = 45,8%	9 = 37,5%	24
Moderno/contemporâneo	30 = 32,6%	25 = 27,2%	37 = 40,2%	92

Fonte: elaborada pela autora.

Desde o período arcaico, a oração conclusiva com *por isso* se conecta mais frequentemente a segmentos mais extensos, com pelo menos um período composto, como o que está em destaque no exemplo (16).

(16) Os passeios pelos cânions duram em média seis horas e normalmente começam pela manhã. Por isso, uma opção bastante popular entre os turistas é passar o dia em Capitólio (Século XXI – Matérias de capa da Revista Azul Magazine)

Tradicionalmente considerada como um caso de conexão por coordenação, a oração conclusiva se ligaria a uma oração anterior. Como mostra a tabela 6, a ligação entre duas orações é a possibilidade menos frequente.

Contudo, no período moderno/contemporâneo, há aumento na frequência de conexão com uma oração (32,6%), e consequente diminuição na frequência de conexão com períodos compostos (27,2%), a opção mais frequente nos períodos anteriores. Esse resultado pode indicar que a construção está ganhando espaço em contextos mais restritos, em que a conexão se dá entre a oração conclusiva e uma oração antecedente.

Mesmo assim, a ligação entre oração conclusiva e segmentos extensos com vários períodos ainda é a opção mais frequente no português atual (40,2%).

A análise das propriedades relativas à forma da construção mostra um comportamento relativamente estável da construção em sua trajetória temporal. De forma geral, o padrão de comportamento encontrado no período arcaico se mantém no período moderno/contemporâneo, ainda que as opções mais frequentes anteriormente percam frequência no período mais atual, tendo em vista as tabelas 5 e 6.

Na próxima seção, passaremos pela trajetória da construção conclusiva com *por isso*, considerando suas propriedades ligadas ao sentido e à forma. Assim, será possível traçar o caminho da construção até o momento, e até mesmo indicar possíveis passos futuros.

6 Trajetória da construção conclusiva com *por isso* ao longo do tempo

O objetivo central deste estudo é verificar a trajetória da construção conclusiva [Segmento 1 POR ISSO Segmento 2]. Para isso, analisamos alguns aspectos ligados ao sentido e alguns aspectos ligados à forma da construção ao longo do tempo, passando pelos períodos arcaico, clássico e moderno/contemporâneo. Nas seções anteriores, vimos como a construção se comportou tendo em vista cada uma das propriedades analisadas. Agora, olhamos para todas as propriedades, e traçamos o caminho percorrido pela construção desde o século XIII. A tabela 7 resume os resultados encontrados até aqui.

Tabela 7 – Trajetória da construção ao longo do tempo.

	Arcaico	Clássico	Moderno
Domínio da causalidade	Referencial – 47,4% Epistêmico – 42,1% Interacional – 10,5%	Referencial – 87,5% Epistêmico – 12,5%	Referencial – 66,3% Epistêmico – 27,2% Interacional – 6,5%
Modalização	Sem modalização – 89,4% Verbo – 5,3% Oração 5,3%	Sem modalização – 95,8% Verbo – 4,2%	Sem modalização – 91,3% Verbo – 4,3% Advérbio – 3,3% Oração – 1,1%
Sequência discursiva	Expositiva – 42,1% Argumentativa – 31,6% Narrativa – 21% Dialogica – 5,3%	Expositiva – 33,3% Narrativa – 29,2% Descritiva – 25% Argumentativa – 12,5%	Narrativa – 48,9% Expositiva – 22,8% Argumentativa – 19,6% Descritiva – 6,5% Dialogica – 2,2%
Posição do conector	Inicial precedida de <i>e</i> – 73,7% Inicial – 21% Medial pré-verbal – 5,3%	Inicial precedida de <i>e</i> – 58,3% Inicial – 33,3% Medial pré-verbal – 4,2% Medial pós-verbal – 4,2%	Inicial precedida de <i>e</i> – 51,1% Inicial – 31,5% Medial pós-verbal – 12% Medial pré-verbal – 5,4%
Tipo de segmento conectado	Período composto – 42,1% Vários períodos – 36,8% Uma oração – 21,1%	Período composto – 45,8% Vários períodos – 37,5% Uma oração – 16,7%	Vários períodos – 40,2% Uma oração – 32,6% Período composto – 27,2%
Sujeito da oração conclusiva	3SG – 27,9% 2SG – 16,7% 3PL – 16,7% 1PL – 11,1% Oração – 11,1% 1SG – 5,5% 2PL – 5,5% Indeterminado – 5,5%	3SG – 45% 3PL – 40% 2PL – 5% Indeterminado – 5% Oração – 5%	3SG – 42,8% 3PL – 20,9% Oração – 12% 1SG – 8,8% 1PL – 8,8% 2SG – 4,4% Indeterminado – 2,2%

Fonte: Floret (2022, p. 122).

A tabela 7 permite visualizar com mais clareza a trajetória da construção em questão. Em relação ao domínio da causalidade, vimos que a construção expressa mais frequentemente relações no domínio referencial desde o período arcaico, e essa frequência vai aumentando ao longo do tempo, o que indica que a construção tende a ser utilizada em contextos mais objetivos. Ainda assim, também ocorre nos demais contextos, tanto no domínio epistêmico quanto interacional. Sendo assim, é uma construção que opera em diferentes domínios, mas principalmente onde há menor interferência do falante.

Quanto à modalização da oração conclusiva, vimos que algo semelhante ocorre. A construção é muito mais frequentemente associada a contextos sem modalização, ou seja, menos subjetivos, desde o período arcaico. A frequência de não modalização vai aumentando ao longo do tempo e, em consonância com o domínio da causalidade, indica uma trajetória rumo a usos cada vez menos subjetivos, e, conseqüentemente, mais objetivos, com pouca ou nenhuma presença do falante.

O caráter objetivo da construção, de alguma forma, se confirma quando analisamos a sequência discursiva. Ainda que a construção seja encontrada em segmentos com diferentes funções no texto, verificamos que, nos períodos arcaico e clássico, ela aparece mais frequentemente em sequências expositivas. A função desse tipo de sequência, como mostramos anteriormente, é expor fatos concretos e relações verificáveis no mundo real, sem o posicionamento do falante. Entretanto, no período moderno/contemporâneo, há um aumento considerável na frequência de construções em sequências narrativas, e conseqüente diminuição da frequência de sequências expositivas. Assim, a construção vai se tornando cada vez mais utilizada em narrativas de acontecimentos dispostos no eixo temporal.

Em relação ao sujeito da oração conclusiva, verifica-se que os sujeitos de terceira pessoa, principalmente do singular, são os mais frequentes desde o período arcaico. Sujeitos de terceira pessoa tendem a ser menos subjetivos do que os de primeira pessoa, que são os mais utilizados quando o sujeito fala sobre si ou expressa seu ponto

de vista. Mais uma vez, verificamos que a construção se associa a usos objetivos, ainda que possa ocorrer em situações subjetivas. Também é necessário enfatizar que a construção ocorre com diversas outras formas de sujeito desde o período arcaico até os registros atuais.

Considerando a posição do conector na oração, a mais frequente é a posição inicial precedida de *e*, seguida da posição inicial absoluta, em todos os períodos de tempo. Assim, podemos dizer que o conector ocorre preferencialmente nas posições mais próximas da margem esquerda. Entretanto, observamos diminuição de frequência do conector precedido de *e* ao longo do tempo, e conseqüente aumento na frequência das demais posições. No período moderno/contemporâneo, as posições mediais tornam-se mais frequentes, o que pode ser um indicativo de que o conector está se movimentando em direção ao interior da oração.

Finalmente, ao verificar os resultados sobre o tipo de segmento conectado, vimos que a oração conclusiva tende a se conectar a segmentos mais extensos do texto. Nos períodos arcaico e clássico, se conecta principalmente a períodos compostos; no período moderno/contemporâneo, a segmentos com vários períodos. A conexão com somente uma oração é a opção menos frequente nos períodos mais remotos. Entretanto, ganha frequência no período mais atual, tornando-se a segunda opção mais frequente, o que pode ser um indício de que a construção caminha em direção ao estabelecimento de relações conclusivas em contextos mais restritos.

A análise integrada da trajetória da construção permite verificar que diferentes propriedades, ligadas ao sentido e à forma, apontam para conclusões semelhantes sobre a construção. Podemos ver, ainda, possíveis indícios de mudança para a construção no futuro. Na seção a seguir, apresentamos as considerações finais a partir dos resultados e do que foi discutido ao longo do texto.

7 Considerações finais

A construção conclusiva conectada por *por isso* aparece desde os registros mais remotos da língua até o português atual. Ao longo do tempo, a construção foi se tornando cada vez mais frequente. Entendendo a construção como um pareamento forma – significado (cf. GOLDBERG, 2006), analisamos três propriedades ligadas a cada um desses polos, a fim de verificar as mudanças sofridas pela construção ao longo do tempo, bem como entender o comportamento da construção com base nessas seis variáveis.

Considerando diferentes aspectos, verificamos que a construção se liga mais frequentemente a contextos que envolvem menor envolvimento do falante. Em outras palavras, a construção tende a estabelecer relações mais objetivas. Entretanto, mesmo com menor frequência, também ocorre em contextos mais subjetivos.

Além disso, verificamos que *por isso* deve ser entendido como um conector por não reunir as propriedades que definem uma conjunção. Em diversos trabalhos (cf. BARRETO, 1999; MATOS, 2003; BECHARA, 2009; OLIVEIRA, 2011; FLORET, 2022), *por isso* é tratado como elemento de caráter adverbial. Na análise da posição do conector na oração, verificamos que ele tende a ser precedido pela conjunção *e*, o que reforça seu caráter não conjuncional. Além disso, vimos que o conector não está fixado na margem esquerda, e que parece haver um indicativo de movimentação do conector para posições mediais na oração.

Por fim, verificamos que, desde o período arcaico, a oração com *por isso* se conecta mais frequentemente a segmentos maiores do que uma oração, como períodos compostos ou segmentos com vários períodos. Porém, há aumento na frequência de conexão com oração no período moderno/contemporâneo, o que também pode ser um indicativo de mudança para relações conclusivas mais locais.

Como falamos no início deste artigo, a relação conclusiva pode se estabelecer com outros conectores, como *logo*, *portanto* e *então*. A análise da trajetória das construções conectadas por cada um desses elementos ao longo do tempo poderá

confirmar se elas se desenvolveram de forma semelhante à construção com *por isso*, ou de que maneira suas trajetórias podem ser diferentes.

Referências

ADAM, J. M. **A Linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2008.

AMORIM, F. S. **Gramaticalização de conectores causais na história do português**. Tese (Doutorado em estudos linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2017.

BARBOSA, J. S. **Gramática philosophica da língua portuguesa**. Lisboa: Academia Real de Ciências, 1881.

BARRETO, T. M. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

CASTRO, I. Formação da Língua Portuguesa. *In*: RAPOSO, E. *et alii*. **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 7– 13.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIK, S. **The Theory of Functional Grammar**. Berlim: Mouton de Gruyter, 1997.

DUCROT, O. Argumentação retórica e argumentação linguística. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p.20 – 25, 2009.

FLORET, M. F. **A trajetória das construções conclusivas com portanto, por isso, logo e então**. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2022.

GOLDBERG, A. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Express, 2006. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199268511.001.0001>

GUIMARÃES, E. **Texto e argumentação**. São Paulo: Pontes, 2001.

HILPERT, M. Three open questions in Diachronic Construction Grammar. *In*: COUSSÉ, E.; ANDERSSON, P.; OLOFSSON, J. (ed.). **Grammaticalization meets construction grammar**. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 21-39. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.21.c2>

KURY, A. G. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ática, 1993.

MARQUES, N. B. N.; PEZATTI, E. G. **A relação conclusiva na Língua portuguesa: funções resumo, conclusão e consequência**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. DOI <https://doi.org/10.7476/9788579836992>

MATOS, G. Estruturas de coordenação. *In*: MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da Língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003. p. 549 – 592.

MATTOS E SILVA, R. V. Para uma caracterização do período arcaico do Português. **D.E.L.T.A**, v. 10, Número especial, p. 247–276, 1994.

MATTOS E SILVA, R. V. Novas contribuições para história da língua portuguesa: ainda os limites do português arcaico. **Diadorim**, v. 2, p. 99 – 113, 2007. DOI <https://doi.org/10.35520/diadorim.2007.v2n0a3853>

NEVES, M. H. M. A modalidade. *In*: KOCK, I. G. V. (org.). **Gramática do Português falado**: volume 6. Campinas: Editora Unicamp, 1996. p.171-208.

OLIVEIRA, M. C. P. **A sintaxe da coordenação e os conectores conclusivos**. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2011.

OLIVEIRA, B. A. **A trajetória da construção por causa de: uma análise centrada no uso**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

OLIVEIRA, B. A. **A evolução da rede de construções causais do português**. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

PAIVA, M. C. A. Aspectos semânticos e discursivos da relação de causalidade. *In*: MACEDO, A. T. **Variação e discurso**. 1ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996. p. 63 – 74.

PAREDES SILVA, V. L. Forma e função nos gêneros do discurso. **Alfa**, v. 41, Número especial, p. 79–98, 1997.

PERES, J. A.; MASCARENHAS, S. Notes on sentential connections (predominantly) in Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, 5, p. 113-169, 2006. DOI <https://doi.org/10.5334/jpl.156>

PEZATTI, E. G. Portanto: conjunção conclusiva ou advérbio. **Scripta**, Belo Horizonte, v.4, n.7, p. 60-71, 2000.

QUIRK, R; GREENBAUM, S. LEECH, GEOFFREY; SVARTVIK, J. **A comprehensive grammar of the English language**. Londres: Pearson Longman, 1985.

ROCHA LIMA, C. H. **Teoria da análise sintática**. Rio de Janeiro: Tupy, 1956.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. S.; SMITH, E. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. University of Toronto, 2005.

SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L. The nature of the node and the network – Open questions in Diachronic Construction Grammar. *In*: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (ed.). **Nodes and networks in Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 1–36. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.27>

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics**: metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199679898.001.0001>

VIEIRA, M. S. **Aí, daí e então em Campo Grande e São Paulo**: análise sociofuncionalista no domínio da causalidade. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.